

A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI**LA RELACION ENTRE EDUCACION Y TRANSFORMACION SOCIAL EN EL PENSAMIENTO DE ANTONIO GRAMSCI****THE RELATIONSHIP BETWEEN EDUCATION AND SOCIAL TRANSFORMATION IN THE THOUGHT OF ANTONIO GRAMSCI** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.006-010>**Oziel da Rocha**

Possui mestrado em Filosofia UFU (2023); pós-graduação em gestão educacional - FACULDADE APOGEU (DF - 2011); graduação em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (2009), graduação - 2 Licenciatura - em Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2019). Foi professor de filosofia na Educação Básica (de 2013 até 2024) e vice-diretor noturno (de 2016 até 2024) na E.E. Marcolino de Barros - Secretaria Estadual de Educação. Atualmente, é professor de filosofia no Instituto Federal do Paraná - Campus Barracão - (IFPR).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise do pensamento de Antonio Gramsci, pensador, jornalista e militante italiano pela liberdade política. Tem sua matriz de pensamento nas teorias de Karl Marx, tentando atualizar esse pensamento dentro do contexto da Itália. Gramsci, em sua leitura, ajuda a compreender a realidade brasileiro no que se refere a transformação social por meio da educação. Suas intuições precisas somam-se à prática pedagógica de Paulo Freire. A história dos homens não é fato natural, mas construção que humaniza no desafio de ser livre e construtor de si e do mundo, enquanto ser social. A educação e escola tem um papel fundamental nesse processo, pois são vetores formadores de novos pensamentos, intimamente ligados com novas práticas libertadoras. É necessário criar um novo tipo de intelectual, aquele capaz de colocar de dar voz e de fazer história com aqueles que não são ouvidos.

Palavras-chave: Gramsci; Paulo Freire; Sociedade; Ser Humano; Educação; Escola; Transformação Social.

RIASSUNTO

Il presente lavoro ha come obiettivo principale quello di fare un'analisi del pensiero di Antonio Gramsci, pensatore, giornalista e militante italiano della libertà politica. La matrice di pensiero di Gramsci si sviluppa nelle teorie di Karl Marx, cercando di aggiornare questo pensiero nel contesto dell'Italia. Gramsci, nella sua lettura, aiuta a capire la realtà brasiliana soprattutto nella trasformazione sociale attraverso l'educazione. Le sue intuizioni precise si aggiungono alla pratica pedagogica di Paulo Freire. La storia degli uomini non è un fatto naturale, ma una costruzione che umanizza nella sfida di essere libero e costruttore di sé e del mondo, pur essendo sociale. L'istruzione e la scuola hanno un obiettivo fondamentale in questo processo, poiché sono vettori che formano nuovi pensieri, strettamente legati a nuove pratiche liberatorie. È necessario creare un nuovo tipo di intellettuale, quello capace di mettere la voce e fare la storia con coloro che non sono ascoltati.

Parole-chiave: Gramsci; Paulo Freire; Società; Essere umano; Educazione; Scuola; Trasformazione sociale.



ABSTRACT

The main aim of this paper is to analyze the thought of Antonio Gramsci, an Italian thinker, journalist and activist for political freedom. His thinking is based on the theories of Karl Marx, and he tries to update this thinking within the context of Italy. Gramsci's reading helps us to understand the Brazilian reality in terms of social transformation through education. His precise intuitions are added to Paulo Freire's pedagogical practice. The history of men is not a natural fact, but a construction that humanizes in the challenge of being free and constructive of oneself and the world, as a social being. Education and schools play a fundamental role in this process, as they are vectors for new thinking, closely linked to new liberating practices. It is necessary to create a new type of intellectual, one capable of giving voice and making history with those who are not heard.

Keywords: Gramsci; Paulo Freire; Society; Human Being; Education; School; Social Transformation.



1 INTRODUÇÃO

O ser humano, enquanto ente simbólico, transforma a natureza, operando também a transformação de si mesmo. Ele usa da linguagem como ferramenta de interação com os outros, sendo o mundo humano construído através de ações e linguagens. Na modernidade, há um acento no racionalismo e na consciência como motores transformadores da cultura humana. Porém, o pensamento marxista, sob o qual Gramsci, constrói sua teoria política e pedagógica mostra que os pensamentos estão ligados às práticas das pessoas no mundo, sendo que até mesmo a visão científica formada e divulgada tem seus interesses mais específicos.

As ideologias colaboram para que o bloco social hegemônico permaneça intacto e aceito por uma grande maioria. Gramsci vê na educação uma maneira de construir novos blocos históricos capazes de emancipar o ser humano da servidão dos sistemas que oprimem uma classe em detrimento de outra. Faz-se necessário formar novas pessoas que se compreendam como seres históricos, capazes de interferir no mundo. Portanto, mesmo aqueles que não tem uma linguagem intelectual elaborada, através de suas ações, que por seu turno precisam uma mínima reflexão, agem sobre o mundo de forma efetiva. Porém, as classes menos favorecidas economicamente e socialmente precisam de pensar a sua condição para transformá-la enquanto consciência social e coletiva; daí a importância dos intelectuais orgânicos como organizadores dessa nova sociedade.

Quando imaginamos a revolução do proletariado na Europa do século XX, muitas vezes pensamos em operários reunidos, cobrando seus direitos ou outras vezes intuimos eles nas fábricas trabalhando e produzindo, porém a experiência de Gramsci nos mostra que existiam grupos de reflexões dentro do operariado italiano, os círculos de cultura, ou seja, a formação intelectual do operário tem importância fundamental nesse processo. É daí que o pensador pensa na escola unitária como um processo de educação que leve em consideração a situação da classe trabalhadora. A formação profissional precisa ter ligação com a formação intelectual e moral do ser social.

Na realidade brasileira, Paulo Freire trabalha a consciência crítica através do processo pedagógico, sendo o aprendizado intimamente ligado ao contexto do educando. A história brasileira nos mostra a divisão nítida de classes ligada ao poder econômico e às influências sociais. Nesse sentido, se faz necessário uma nova atuação pedagógica, capaz de despertar as consciências para a participação coletiva.

2 A HISTORICIDADE DO SER HUMANO

Gramsci como filósofo e jornalista, tem na filosofia seu arcabouço teórico para formular seu pensamento sobre sua visão de sociedade. O filósofo, tem na sociologia marxista, seu ponto de partida para elaborar sua reflexão sobre as mudanças sociais, políticas e econômicas que a sociedade deve fazer. Porém, ele não reproduz simplesmente o pensamento de Marx, mas introduz novos conceitos. A revolução para o



pensador italiano se faz também pela configuração de uma nova intelectualidade que deve fazer parte da formação das crianças e jovens.

Para melhor compreensão da relação entre história e sociologia, é necessária uma visão geral sobre os aspectos da transformação social através da história nas lentes intelectuais do marxismo clássico. Michel Löwy, sociólogo brasileiro, faz uma síntese da importância do historicismo para as teorias de Marx, sabendo que

Não existe uma história pura da ideologia, da filosofia, da religião ou da ciência social, essas histórias têm que ser vistas como elementos de uma totalidade e é só em sua relação com a totalidade social, com o conjunto da vida econômica, social e político que se pode entender o significado das informações e das mudanças que vão se dando, por exemplo, no terreno das ideologias (LÖWY, 2010, p. 16)

Qualquer fenômeno social, cultural ou político é histórico e só pode ser compreendido dentro da história, através da história, em relação ao processo histórico, existindo uma diferença fundamental entre os fatos históricos ou sociais e os fatos naturais. Em consequência, as ciências que estudam estes dois tipos de fatos, o fato social e o fato natural, são ciências de tipos qualitativamente distintos; não só o objeto da pesquisa é histórico, está imergido no fluxo da história, como também o sujeito da pesquisa, o investigador, o pesquisador, está, ele próprio, imerso no curso da história, no processo histórico. Desse modo, “O que se faz necessário é uma ação revolucionária, uma prática revolucionária, na qual irão se transformar, simultaneamente, as circunstâncias, as condições, as estruturas, o Estado, a sociedade, a economia e os próprios indivíduos, autores da ação.” (LÖWY, 2010, p. 25)

A mudança social se faz a partir dos autores da ação. Gramsci salienta a ação e a reflexão como instâncias intimamente ligadas no ser humano. Não se compreende a sociedade sem antes tentar entender o que significa o ser humano. O início da elaboração crítica consiste na consciência daquilo que é o ser humano a partir de sua história e de seu contexto. O homem se forma a partir da sua história, construída em relação com a sociedade. A história não está desvinculada do trabalho e da intelectualidade humana. Ou seja, através do trabalho a sociedade transforma a natureza e a si mesma e ao mesmo tempo precisa ser pensada e refletida em sua ação. O ser se humaniza e se realiza através de sua história, não no sentido linear, mas enquanto qualidade que emprega em seu agir. A humanização é histórica e libertadora.

O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa. Transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo (GRAMSCI, 1978, p. 47)

O ser humano, nessa perspectiva, deve ser concebido como um processo que não se desvincula das relações sociais, que evidentemente, são também políticas, uma vez que as relações com a natureza e com



outros homens são ativas. Muitas vezes, o homem da massa não tem a reflexão teórica para colocar o mundo social como um objeto de análise, mas em sua ação ele partilha da intelectualidade da sociedade.

O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, que, não obstante é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Desse modo, o conceito de bloco histórico é fundamental para compreender a relação entre educação e transformação social. No esboço das relações de força, quando uma classe se torna hegemônica, impondo a visão unitária que molda a superestrutura, existem relações de forças sociais, configurando as classes sociais que ocupam certas funções no processo de produção. Nesse bloco os elementos econômicos e ideológicos estão interligados. Ou seja, uma vez que a sociedade produz sua vida material, surgem as ideias e os conceitos, dando uma visão unitária de mundo. O sujeito entra em relação com os outros homens não ocasionalmente, mas organicamente, por meio de organismos diferentes. Partilha também de relações com a natureza não simplesmente pelo fato de ser ele próprio natureza, mas ativamente por meio do trabalho e da técnica.

Gramsci, enquanto seguidor do marxismo, emprega a categoria de hegemonia para designar a direção política e a ação cultural de um grupo sobre outro. Assim, entende-se que a educação tem papel gerador de transformações capazes de quebrar o domínio de um grupo sobre outro. A consciência histórica autônoma pode transformar a consciência coletiva de maneira crítica. Assim, toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais.

3 A AÇÃO PEDAGÓGICA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Em sua investigação, Gramsci reafirma a importância da escola em articulação com a questão dos intelectuais. A escola de seu tempo, segundo ele, precisava passar por uma transformação, embora reconhece os valores da escola tradicional. A escola para os trabalhadores funciona como instrumento de diversos níveis, elevando o nível cultural e intelectual, atuando no processo de reforma intelectual e moral, na luta pela hegemonia e na construção de uma nova coletividade.

Dentro do pensamento de Gramsci, nota-se, no início de sua crítica, o esforço para pensar uma escola unitária, capaz de articular o ensino técnico científico ao saber humanista, visto que o ensino técnico era destinado apenas a massa trabalhadora ao passo que a formação humanista era destinada à pequena burguesia. Com a eclosão da Revolução Russa e com o borbulhar cultural que tomou conta das fábricas e do espaço público com vários grupos de estudos e de pequenas publicações, a solução para o problema da educação autônoma não se deixara perceber. Desse modo,



A guinada em direção à *práxis* ocorreu em fins de junho de 1919. Ficara claro para o grupo do L'Ordine Nuovo que a auto-educação dos trabalhadores, a educação para a liberdade, não dependia, ou dependia menos, do sindicato e do partido e muito mais dos próprios trabalhadores. Inseridos no processo produtivo da riqueza social (ROIO, 2006, p. 312-313).

O homem se humaniza através do exercício de sua liberdade, deixando de ser apenas uma peça de lado, saindo de sua fusão com as máquinas da fábrica. O partido e o sindicato são associações voluntárias de caráter contratual, dispostos no direito burguês. A liberdade do homem encontra o seu fundamento na medida em que se compreende como ser portador de um conhecimento técnico no qual a produção depende dele.

O bloco histórico ancorado no exercício da hegemonia se institucionaliza na forma do Estado, abrangendo além da sociedade política, a sociedade civil. O termo “Estado” representa a unidade dialética entre os que detém o aparelho governamental e os detém o conjunto dos aparelhos privados de hegemonia. Desse modo, “todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função” (GRAMSCI, 2001, p. 15). Os agentes primordiais da hegemonia da sociedade civil são os intelectuais. Entre os grupos analisados por Gramsci, estão os que ele determina como orgânicos, gerados pela própria classe que representam, tem a função de organizá-la, de conferir-lhe unidade, coerência e homogeneidade. Sobre os intelectuais, Gramsci salienta que

não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 2001, p. 53).

Todo trabalho por mais simples que seja, utiliza um pensamento. Todos os homens são intelectuais, porém nem todos exercem a função de intelectuais. Formam-se, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual, unindo todos os grupos sociais mais importantes. Uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação de seus princípios, legitimando seus valores.

O enorme desenvolvimento obtido pela atividade e pela organização escolar nas sociedades que emergiram do mundo medieval indica a importância assumida no mundo moderno pelas categorias e funções intelectuais, ou seja, assim como se buscou aprofundar e ampliar a intelectualidade de cada indivíduo, buscou-se igualmente multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las. Na sociedade capitalista, a relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos



sociais fundamentais, mas é mediatizada, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários”.

O Estado tem responsabilidade na formação de seus intelectuais na medida em que pode usar de seu corpo administrativo burocrático para criar um outro tipo de civilização. Gramsci atribui uma dupla função à escola, ou seja, a conservação e a superação das estruturas capitalistas.

A educação não deve ser uma modelagem de pessoas e nem a mera transmissão de conhecimentos, mas está relacionada à produção da consciência crítica, mediatizada pelo professor, formando novos intelectuais. Nessa perspectiva,

o modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanentemente”, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político) (GRAMSCI, 2001, p. 53).

O papel específico da Escola Unitária pensada por Gramsci tem a função de educar, levando em consideração os aspectos gerais da cultura aos mais específicos de formação sócio-econômica e política do grupo social, sendo humanista, destinada a desenvolver no sujeito o protagonismo histórico. O ensino deve compreender também a preparação para o mundo do trabalho, levando o educando a descobrir que a realidade social não é natural, mas criada pelos homens em situações e contextos históricos. O termo unitário refere-se a uma educação que integre teoria e prática, fornecendo uma visão sistêmica do mundo.

A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares: o “certo” de uma cultura evoluída torna-se “verdadeiro” nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação. Por isso, pode-se dizer que, na escola, o nexo instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o professor é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos; e é também consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior (GRAMSCI, 2001, p. 44).

O educando necessita de uma aprendizagem libertadora das ideologias dominantes, mas não basta apenas ter consciência de que existem ideias dominantes, é preciso agir no mundo de forma inteligente e coerente para superar as contradições do tempo presente. O grande debate atual em torno do desenvolvimento sustentável, por exemplo, leva a uma reflexão sobre o consumismo, porém, estudantes e professores conduzem suas vidas sem se preocupar com essa questão, entrando na era do descartável. Gramsci, em seus escritos, convida professor e aluno a fazer uma ação diferenciada no mundo, lembrando que “a educação para ser efetiva deve ter como norte a emancipação como elemento central, bem como considerar as contradições históricas objetivas”. (CASTRO; RIOS, 2007, p. 227).



4 PAULO FREIRE E ANTONIO GRAMSCI: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA DA SOLIDARIEDADE LIBERTADORA

O ser humano encontra-se num mundo de pluralismo teórico acerca de praticamente todas as questões fundamentais para a vida individual e social. A solidariedade, constitui uma teia de campos semânticos variados. A solidariedade, aqui identificada pode ser a capacidade de pensar em pessoas com um modo próprio de ser, seja pelas condições sociais ou pelas próprias dificuldades, como estando incluídas, na esfera do “nós”. Como lembra Mo Sung e Silva, “Ser solidário significa se colocar no lugar do outro, daqueles que são as maiores vítimas dos processos sociais de exclusão, as minorias étnicas, as mulheres, os pobres, as gerações futuras e a natureza, que também é vítima da ação humana” (MO SUNG; SILVA, 1999, p. 114).

Quando se usa a palavra sensibilidade, deve-se ter em mente que ela mostra a solidariedade como ato ético-subjetivo radical que só acontece quando entram em jogo os “sentidos”, como a percepção empática do sofrimento e angústia dos outros. Sensibilidade é a condição *a priori* para que o outro esteja ligado a um eu. Isso constitui um desafio frente a um pensamento econômico burguês que visualiza a competitividade como princípio organizativo à própria dinâmica da sociedade como um todo. Desse modo, “esta busca do *ser mais*, porém, não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (FREIRE, 1987, p. 43).

Amizade gratuita, cooperação, reconhecimento recíproco, convivência com as diferenças, conceitos assim não fazem parte de um mundo que não ensina a olhar as pessoas como pessoas com quem se deve aprender a conviver e a cooperar. Urge que a necessidade de se construir uma escola inclusiva e cooperativa, se dê no resgate do desejo da felicidade alheia como parte integral de cada um, pois a vida só valerá a pena ser vivida no encontro com outrem, na partilha e ajuda mútua, apesar das dificuldades.

A educação diante de seu compromisso com o sentido e promoção da vida, ganha posição de destaque para o desenvolvimento de competências básicas como: competência humana, competências sociais, aprendizagem social e inteligência social.

Pensar é lutar contra o futuro de racionalidades que aprisionam a mente; pensar é curar os jeitos de falar sobre a vida e o mundo. Com isso, tornou-se aguda a consciência de que a luta contra a exclusão e por uma sociedade, onde caibam todos, passa, fundamentalmente, pela educação. Para este fim é necessário:

ter a consciência crítica, de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que “este constitui uma parte da pessoa humana” e que a “pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se” é dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas (FREIRE, 1987, p. 107).

Logo a necessidade de sair da alienação frente a um contexto pós-moderno de massividade da razão, na qual a explosão do conhecimento se faz através das novas tecnologias, gerando um saber, muitas vezes,



mecânico, deve passar pela capacidade de cada professor de buscar, juntamente com os educandos, o sentido que vale a pena para a própria vida.

O ser humano nasce e se desenvolve como um ser carente de solidariedade. A espécie humana está precisando de uma guinada histórica que reflita sua capacidade de incluir a todos, mas assumida conscientemente como desafio da complexidade e da solidariedade. É possível mudar, mas é preciso acreditar nas possibilidades e ter a esperança de que é possível uma evolução humana no sentido de preocupar-se com o outro, coisa que infelizmente, está, ainda, distante frente ao automatismo que permeia as relações.

Para quem está envolvido com educação, Paulo Freire é um pensador que dispensa apresentações. Nem todos que o estudam ou que já ouviram falar sobre ele tem um mapeamento das influências de seu modo de pensar. Intelectual engajado e preocupado com a realidade social e política do Brasil, ficou exilado no Chile de 1964 a 1969, período em que se debruçou sobre as leituras de Karl Marx e Friederich Engels. Freire não parou por aí, foi em Antonio Gramsci que ele encontrou intuições para escrever seu livro “Pedagogia do Oprimido”. O pensador brasileiro centrou sua atenção nos “oprimidos” pelo capitalismo periférico, que negou até mesmo o direito à palavra. Já o pensador Italiano, focou na condição dos oprimidos pelo regime fascista, principalmente os operários, o que o levou à prisão (1926-1934), aspirando em seus escritos uma revolução política, cultural e humanitária.

Paulo Freire tem uma obra extensa, por isso caberá nesta reflexão apenas alguns pontos importantes da “Pedagogia do Oprimido”, relacionado com o pensamento de Gramsci que já fora citado neste trabalho. Freire tenta romper com todo tipo de educação “bancária”, pois ela tira a autonomia do sujeito, responsável por sua história no mundo, ela também tira o direito à palavra, sendo uma categoria de quem detém o poder nas mãos. O processo de educar freiriano é também um projeto de libertação pessoal no mundo. O saber ganha sentido na medida em que está relacionado com a vida concreta do educando. No ecoar do livro de Paulo Freire, escuta-se a voz de um Brasil que clama por justiça, igualdade e desalienação política e econômica.

A pedagogia de Freire e Gramsci, em contextos específicos, são pedagogias da libertação na qual a educação das novas pessoas tem um papel importante para a revolução social. “Gramsci conferiu uma ênfase particular à criatividade e à capacidade de iniciativas das classes subalternas que devem não apenas resistir à opressão, mas buscar formas de superar a submissão e inventar os termos de uma nova sociedade” (MILITÃO, 2008, p. 131). Existe uma esperança na educação como uma ferramenta de mudança social, pois é na educação que as pessoas se entendem como seres culturais e adquirem a leitura não só dos textos, mas de mundo. Daí, a importância do diálogo como algo transformador. A massa tem o seu saber e precisa usar desse saber por meio dos seus intelectuais. Freire é o intelectual que não serve à hegemonia dominante,



mas tenta buscar outra hegemonia a partir do pobre e oprimido, não com a revolução de armas, mas com a revolução da reflexão e da ação. Daí,

Este diálogo, como exigência radical da revolução, responde a outra exigência radical – a dos homens como seres que não podem ser fora da comunicação, pois são comunicação. Obstaculizar a comunicação e transformá-los em quase “coisa” e isto é tarefa e objetivo dos opressores, e não dos revolucionários (FREIRE, 1987, p. 72).

A escola, nessa perspectiva, é fonte de humanização, pois através de sua democracia poderá dar voz aos que foram silenciados, porém essa voz precisa ser consciente e politizada. Quando os autores falam da responsabilidade do educador como um mediatizador, eles apontam para a dimensão democrática que deve conter o próprio processo ensino-aprendizagem. Assim, “a pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe-se pensar e viver a educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1987, p. 09), porém, “os novos programas, quanto mais afirmam e teorizam sobre a atividade do discente e sobre sua operosa colaboração com o trabalho do docente, tanto mais são elaborados como se o discente fosse uma mera passividade” (GRAMSCI, 2001, p. 45). “Não há, realidade histórica – mais outra obviedade – que não seja humana. Não há história *sem* homens como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que feita por eles, também os faz, como disse Marx” (FREIRE, 1987, p. 73).

A sala de aula, espaço privilegiado de relação entre professores e estudantes pode se tornar referência de construção de conhecimentos e valores coadunados com um novo jeito de ser e produzir a realidade. Desse modo é necessário buscar a construção de uma nova humanidade através da educação, estratificada na ética concretizada em responsabilidade e solidariedade. A escola, a sala de aula, espaços não só de buscar conhecimentos, mas de construção de pessoas, cujo agir seja pautado na ética do cuidado, promovendo o paradigma social de uma educação, verdadeiramente, inclusiva e emancipadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse itinerário breve e sintético no pensamento de Antonio Gramsci, algumas considerações se fazem necessárias, pois o tema tem magnitude que abre perspectivas para outros debates. O pensamento de Gramsci e de Paulo Freire foram apropriados, principalmente dentro dos movimentos sociais mais engajados que buscam a transformação social com respeito, sensibilização e humanização. “O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” e “O Movimento Negro Unificado” são exemplos de lutas que valorizam o processo histórico e educativo de seus membros, formando a consciência, desalienando-a e ao mesmo tempo cobrando direitos sociais, econômico e políticos.

A história da América Latina é marcada pela corrupção política, autoritarismo e pela pobreza, não por falta de recursos, mas pelo mau uso desses pelo poder público. Nas veias abertas, onde corre ainda o sangue dos oprimidos e sem voz, faz-se necessário a construção de uma nova história que deve passar por



uma transformação social profunda. Daí, a educação nos espaços sociais e políticos, formais e informais, surge como uma grande esperança, onde novas mentes e novos corações, engajados e atentos poderão fazer a verdadeira revolução. Não a das armas, pois o mundo não precisa de mais violência, mas a transformação radical de pessoas que se identificam com o bem da coletividade.

Gramsci e Paulo Freire, muitas vezes abafados por não representar o discurso dominante elitista, ficam silenciados nas bibliotecas, poucos citados em muitos cursos de formação educativa pela aversão que se criou pela ideologia de que o professor não deve ser nem de esquerda e nem de direita. A preocupação desses pensadores é com certeza com um mundo mais justo, fraterno e humano, pautados pela garantia de direitos fundamentais que tem o ser humano respeitado como protagonista, eis a pedagogia da solidariedade libertadora.



REFERÊNCIAS

- CASTRO, Michele Corrêa; RIOS, Valdir Lemos. Escola e Educação em Gramsci. Revista de Iniciação Científica da FFC, Marília, v. 7, n. 3, p. 221-228, 2007.
- DEMO, Pedro. Introdução à Metodologia da Ciência. 23.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais, cidadania e Educação. IN: __. Movimentos Sociais e Educação. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 120p. cap. 1, p.11-21.
- GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. Cadernos do Cárcere. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LÖWY, Michael. Ideologia e Ciências Sociais. 19.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MILITÃO, Maria Socorro Ramos. Movimento dos Trabalhadores Sem Terra: observações sobre a reforma intelectual e moral gramsciana. Araraquara: Unesp, 2008. (Tese)
- MO SUNG, Jung; SILVA, Josué Cândido da. Conversando sobre Ética e Sociedade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROIO, Marcos Del. Gramsci e a Educação do Educador. Cedes, Campinas, v. 26, n. 70, p. 311 – 328, set./dez. 2006.